

Brasserie Châteaudun

60, Faubourg Montmartre, 60

(Carrefour Châteaudun)

PARIS



TÉLÉPHONE 109-17



115⁶.46



Mr Fernando Pessoa

escriptor de A. Xavier Pinto & Cia.

43 Campo das Cebolas.

Lisbonne

(Portugal)



sumido
de. de Pa' - Carneiro
29 rue Victor Massé
Paris - 9^{ème}



Paris - Agosto 1915
dia 7

Meu Querido Fernando Pessoa, 115-117

Recebi ontem o seu postal de 2 que muito do coração agradeço. Você decerto já me perdoou a minha última carta - mas, de joelhos por ela, lhe reuso suplicar perdão. Nunca fizeste que uma carta pudesse levar tanto tempo de Paris a Lisboa. Assim, logo que foi 5^a feira conheci a paragem da ausência do telegrama - agravada pela falta completa de notícias suas p^a a Porta Restante - Bureau n.º 8, Boulevard des Italiens... Creio bem que você compreenderá - e me perdoará essa carta. De resto esceria a respeito por uma questão de "guilherme" que me é m^{to} peculiar: sim, escrevendo aquela carta - e o sarilho hiérático dos libretos ao Victoriano e aos "parados raros", A. Xavier Pinto & Cia - havia mais probabilidades em q^e me chegasse o telegrama e a sua resposta como de facto aconteceu - sendo muito toda essa tapalhada. Nene é o caso - posso contar em o seu perdão, meu querido Fernando, não é verdade? Ilmito hein... Dê mim? Ah, de mim, meu pobre amigo não sei. Olhe, cá está. É o todo. Já é alguma coisa, concordemos. Enfim... Espero uma resposta telegráfica do meu Pai a uma carta q^e lhe escrevi daqui no dia da minha chegada: 15 de julho. Depois, não sei. Eu peço a - lhe nessa carta q^e me deixasse por tudo, ficar aqui - pelo meus ali me mandar ir p^a a Africa. Em suma, hein, ficando: tudo meus Lisboa. Quero o que, ele foi. Vamos a ver. Justali é dada! Mas prefiro - a tanto, tanto, a estagnação. Africa - outro naufragio a meus. Deixa - lo - se assim for. Pelo meus, agitação, mudança. Assim a de tudo me arrepi a ideia sem espelho de, sem remédio, novamente fundar no Martinho... Não sei porque mas esse café - não o outro Café de Lisboa, esse só - deu-me sempre a ideia que local onde se vem fundar uma vida: estranho refugio, talvez, do que perderam todos os filhos, ficando - hein, só, como um roto, e tortas p^a o café quotidiano - e ainda assim, vamos lá, com dificuldade. Tanto leproso peteiro! Mas você continua a perdoar... Em Paris beijo, o clero. Mas em melhor. É outra ilusão. Tenho a força e a vontade, mas não consigo me q^e lidar. Pequeninas coisas: a outra noite, o luar sobre a Praça da Concórdia, por exemplo, curou-me por uns poucos de dias. É o poder dizer mais tarde: "Quando os alemães tomaram Varsóvia, estava eu em Paris". Tão pequeninas crises. Você pode medir hein, o descalabro irremediável da minha vida, do meu espirito e da minha carne - quando ainda assim, são estes - e os estreitos das ruas dos bairros por onde passo a primeira vez e orgulhosamente leio - os amposos únicos, os semitros reros a minha existência destrambelhada... Tenho chegado meus a suspeitar nestes últimos tempos se - de facto - já estarei velho. Parece-me que não. Mas o certo é que, mais uma vez, e positivamente, se modificou alguma coisa dentro de mim. O mundo exterior não me atinge, quasi - e, ao mesmo tempo, afasta-se p^a muito longe o meu mundo interior. Diminuiu, diminuiu muito, evidentemente, a minha psicologia. Sou inferior - da triste verdade - de muito longe inferior ao q^e já fui. Saiba-me a um viúvo precioso, desalcoado agora, sem remédio, estou muito pouco interessante. É um prefezo o meu regresso a mim - isto, que disse nos meus versos da "Escla" - uma coisa que não terá seguida, parece-me. Mas é q^e não ramos na "ra" hein. É que estou ansioso o por uma sua longa carta. Em que me fale de si - e sobre de comentários, sobre o que eu lhe escrevo. É p^a comovermos. Só a sua companhia me faz falta. É quer ver: m^{to} veres pouco - me, de subito, não sei porque, a imagina-lo, a qui num Café de Paris, como, em minha frente, sentado a minha mesa. A toda outra dia, fisicamente - num bar ordinario para Montmartre. Isto tanto ali! A meus certas "dispersões", e certos "falares baixos", você realisa p^a mim «aquilo que unicamente eu admito que se seja». Mas tenho - lhe dito isto tanta vez... Escreva muito, e breve - sim... Quanto me mando uma extensa, versalhada. Não sei hein o q^e aquilo é. Superior, não ha duvida. Mas de tudo se, em todo o caso, interessante. Muita anti-politica certas passagens. Mas sabe, aquilo é "relativamente", p^a do ver que eu sou um amigo, e não fiz de você chumpear,

no meu affecto. Literatura, Oho - e' preciso deitar a agua na pressura.
Acho mais graça á 5ª canção. Especificamente, literariamente, o que audeio
pôr na minha vida o' livro apuro. Justamente: é uão imaginaria como as são os
cantadores os "defeitos duma instalação provisória": a mala ficou na
estação - temos que ir comprar coloninhas p' mudar. É uão raro a pena de andar
luncar a mala, porque partimos amanhã. Assim acho p'leria a essas
quadras. Uma observação: o "Matin" fica em pleno boulevard: e' todo em n' d'raçado
sendo-se trabalhar as máquinas rotativas e as Linotype - cujo barulho do teclado
se sente distintamente, amortecido, da rua. Esse barulho é utilitativo para
min a audia do "papel impresso", a hileia das tipografias - o sortido de
moderno "da grande infamação". Pinturas tanto, tanto me emburrece, quando
penso em pleno do "Matin", o' livro de cartas das Linotype que até despiço
o livro forçado, como veri. É como, eu canto das grandes paredes a "rifles",
e os quincis electricos pelos telhados de q'do falo na mesma quadra.
Se fôr o livro que hoje me mando são lamentáveis - um' beste
p'nta. Mas, se tiverem qualquer interesse artistico - ponho me
em'ota. Profo - He muito assim, meu querido Fernando Pessoa, que
me fall de achadamento deles, me diga a sua opinião com a maior fran
quia - e me aconselhe mesmo de deo eliminar qualpor das canções.
Essas versas indicam queda, miteria - uão ha duvida - sejam euebrados
poru lado fôr: moral ou literario. Assim acho mto bem o titulo generico
de "5to Canções de declínio". Não lhe parece? Bem fim fale-me largamente
distinto - como h'ndos tempos faria. Tenho pena de mim. E'as de r'oubo,
o de couvio moral e literario. Escreva-me uma grande carta! Comt' como.
— Cubismo: joguei em verdade que tivesse desaparecido com a guerra: tanto
ma que os foruais diuim que o Cubo do caldo (Bonillon Kubi) e
da futuro erum bockes. Mas no Sagod - negociante de quadro que
acoe o futuristas e o cubistas, e uão vende d'outra mercadoria - não só
cubismo, mas quadro, cubistas como - oh, parças! - um da
guerra; uetiua actualidade: sim: um "tanto entre strappnels".
A rua do "marchand", é de pouca passagem, mas sempre gente
parada de front, r'ido: como eu fao da u'rsa minha do differen.
A proposito: diuim-me da livraria q' uão se tem vendendo. Paciencia.
É uada mais sain sobre elle? Parece q' uão - caso contrario voce uão se
teria esquecido de me dizer no sua postal. Tenho muito pena.
— Optimo, meu querido Amis. Me terminas. Ainda uma vez me
imporo uil perdoe pela minha uetiua carta - e de felles
protrado de suplico que escreva uma grande carta-relatorio. As
suas cartas são gero v's para mim, um complemento de Paris. E
esta vez aruda uão tire nenhuma! Aureio: Os, tanto mais que as
incerteza do tempo que me demorarei aqui - ficaria inconsoavel se
nenhuma tivesse recebido. Claro que se de subito resolver sair
d'qui - isto o: se de subito a minha vida se resolver em eu sair
d'qui - He telegrafarei os meus habituais telegramas. E escreva-me
por uma grande carta ha volta do correio: por amor de Deus!!! O
p'nta sempre vira a Paris? e'as tem visto? Recomece-me u'as
victorias. E para voce um grande abraço de toda a Alena Obryden

É de uida literaria sua
e do moço Alvaro de
Campos? diga o q' ha,
meu?...

Mario de Sa' - Carneiro

29 rue Victor Massé.

E escreva uma carta - relatorio!!!!